

SURTO DE CINOMOSE EM ABRIGO MUNICIPAL EM FARROUPILHA-RS - RELATO DE CASO

Aline Ditadi do Amaral^a, Mayara Borges Antunes^a, Claudia Lautert^{a*}

a) FSG Centro Universitário

Informações de Submissão

*Prof.^a Dr.^a Claudia Lautert (Orientador)
Coordenador e docente do Curso de Medicina
Veterinária do Centro Universitário da Serra
Gaúcha - FSG
Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul
- RS - CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Cinomose. Corpúsculo de Lentz. Diagnóstico veterinário. Cães.

Resumo

A Canine Distemper Vírus (CDV) ou cinomose, como é conhecida no Brasil, é uma doença infectocontagiosa. A sua transmissão é exclusiva entre cães e ocorre principalmente através do trato respiratório. A infecção pelo vírus da cinomose pode apresentar-se sob as formas sistêmica e neurológica. O diagnóstico deste vírus ainda é, por muitas vezes, incerto ou baseado em fatores clínicos, tornando-se um desafio para o médico veterinário. O objetivo do presente estudo foi o diagnóstico da cinomose em um surto ocorrido em cães de um abrigo municipal de Farroupilha-RS, acompanhando sua progressão clínica. As coletas das amostras de material sanguíneo ocorreram no Centro de Amparo Animal. Dos oito cães analisados para cinomose, seis apresentaram leucograma alterado, três apresentaram um aumento do número de monócitos, em dois dos cães encontrou-se alteração de eosinófilos e um deles apresentou linfopenia. Na avaliação das lâminas de esfregaço sanguíneo, visualizou-se a presença de corpúsculos de Lentz em neutrófilos e eosinófilos de quatro cães. Nos outros quatro animais não foi relatado a inclusão do corpúsculo, o que não pode ser motivo para descartar a presença do vírus da cinomose no organismo destes cães. Percebe-se que os sinais clínicos que são observados por meio de uma avaliação de um médico veterinário, podem ser significativos no diagnóstico precoce da infecção pelo vírus da cinomose canina. Com os cuidados necessários e um diagnóstico rápido e eficaz da infecção, é possível minimizar os danos e conferir uma boa qualidade de vida aos cães acometidos pela cinomose.

INTRODUÇÃO

A Canine Distemper Vírus (CDV) ou cinomose, como é conhecida no Brasil, é uma doença infectocontagiosa causada por um Morbilli virus, pertencente à família Paramyxoviridae. A sua transmissão é exclusiva entre cães e ocorre

principalmente através do trato respiratório, podendo ser encontrado na urina por até três meses após estágio final da infecção (LÚCIO et al., 2014). A infecção pelo vírus da cinomose pode se apresentar sob as formas sistêmica e neurológica (CURTI& ARIAS & ZANUTTO, 2012). Os principais sinais clínicos apresentados pelos cães acometidos pela doença são: Depressão, mal-estar, descarga oculonasal, tosse, vômitos, diarreias e/ou sinais neurológicos (leves ou avançados). Em alguns casos, pode-se perceber uma discreta alteração respiratória, aumento de volume das tonsilas, febre e secreção ocular mucopurulenta. Após o período de recuperação, alguns sinais clínicos relacionados ao sistema nervoso central podem ser observados, como, hiperestesia, convulsões, doença vestibular ou cerebelar, paresia e mioclonia. A infecção em fêmeas prenhes pode gerar abortos, natimortos ou filhotes com alterações neurológicas ao nascimento (NELSON & COUTO, 2015).

O diagnóstico deste vírus ainda é, por muitas vezes, incerto ou baseado em fatores clínicos, tornando-se um desafio para o médico veterinário (CURTI& ARIAS & ZANUTTO, 2012). O entendimento da doença demonstra-se importante para melhorar a eficácia no diagnóstico e, dessa forma, impedir a proliferação entre os cães domésticos. Informações sobre o contágio e difusão em localidades e períodos podem contribuir para ações de prevenção (LÚCIO et al., 2014). O objetivo do presente estudo foi o diagnóstico da cinomose em um surto ocorrido em cães de um abrigo municipal de Farroupilha-RS, acompanhando sua progressão clínica.

3 METODOLOGIA

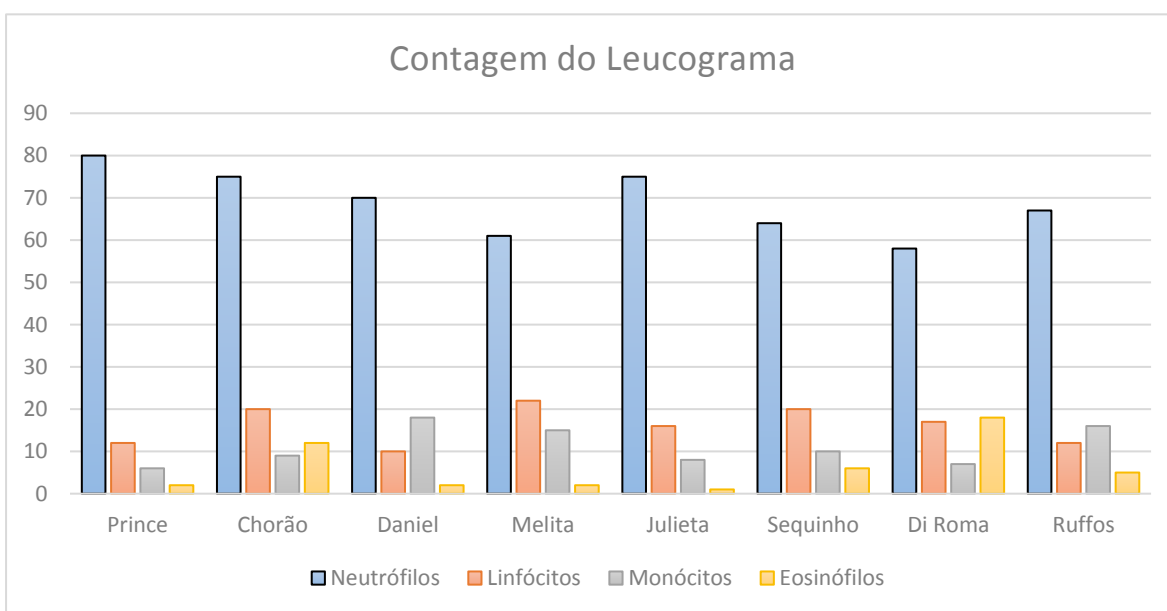
As coletas das amostras de material sanguíneo ocorreram no Centro de Amparo Animal. O local é um abrigo para cães do município de Farroupilha-RS, que abriga animais recolhidos das ruas em situação de abandono ou retirados de maus tratos. Aconteceram em dois momentos: Primeiramente, coletou-se as amostras de uma fêmea e dois machos; a segunda coleta foi realizada com uma fêmea e quatro machos. As amostras foram devidamente identificadas e encaminhadas ao Laboratório de Bioanálises do Centro Integrado de Saúde, do Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG, no mesmo dia da coleta.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O exame físico mostrou condição razoável de saúde, com exceção de um deles (macho) que havia sido recolhido das ruas após um atropelamento e estava aguardando exame para verificar possível dano. Quatro deles apresentavam sinais clínicos compatíveis com relatos de infecção pela cinomose canina. Entre os sinais, destacaram-se a conjuntiva alterada, perda de peso e desidratação. Não apresentavam alterações respiratórias, nem neurológicas.

Dos cães analisados para cinomose, seis apresentaram leucograma alterado (Gráfico 1). Quatro cães exibiram um diagnóstico positivo para a cinomose por meio de sinais clínicos e da presença de corpúsculo de Lentz na lâmina de esfregaço. Uma fêmea e três machos apresentaram resultado positivo, e a mesma quantidade de cães apresentaram resultado negativo.

Gráfico 1: Contagem do leucograma: Comparação entre os parâmetros celulares analisados no leucograma dos caninos do abrigo municipal de Farroupilha-RS.



Um deles apresentou neutrofilia, estando com a contagem de neutrófilos acima dos valores de referência. Segundo SOUZA & BAIÃO (2015), quando a doença apresenta-se na fase aguda e os cães respondem com o aumento de neutrófilos no sangue, denota que existe uma abundante reserva de células presentes na medula óssea.

Em dois dos cães, encontrou-se alteração de eosinófilos, apresentando valor acima da normalidade. Essa alteração é denominada eosinofilia, a qual, geralmente, indica a probabilidade de parasitismo, hipersensibilidade e inflamação. A cinomose pode afetar o trato gastrointestinal e respiratório, levando a uma resposta eosinofílica (SOUZA & BAIÃO, 2015).

Um deles apresentou linfopenia, ou seja, um decréscimo de linfócitos. Este animal, com grande incidência de sinais clínicos característicos do vírus da cinomose canina, poderia estar sob estresse da fase aguda da doença. Dessa forma, entende-se que ocorreu a destruição dos linfócitos T e B e necrose dos tecidos linfoides em decorrência do vírus da cinomose no organismo. Entretanto, conforme relatam SOUZA & BAIÃO (2015), apesar da linfopenia ser um fator presente na maioria dos casos de infecções pelo vírus da cinomose, não pode ser considerado um achado específico, podendo estar ausente em determinados eventos.

Dos oito animais analisados, três apresentaram um aumento do número de monócitos, levando a um quadro de monocitose. De acordo com RAMOS & LEITE (2015), este quadro pode ser relacionado a ações infecciosas no organismo. Em conformidade com o relatado, para AGUIAR (2015), é comum encontrar esse resultado em leucogramas de cães que apresentam doenças crônicas ou com alto nível de estresse.

Os monócitos são fundamentais no processo inflamatório em nível tecidual devido a sua importância na fagocitose, eliminação de microrganismos e, principalmente, como célula apresentadora de antígenos. Na fase aguda apresenta pouca alteração, mas observou-se a monocitose na fase de convalescença e cronificação da doença (CRUVINEL et al., 2010).

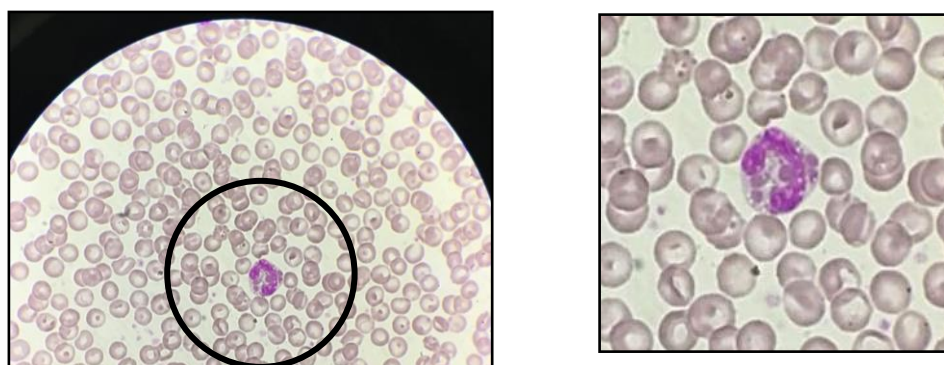


Figura 1: Neutrófilo com a presença do Corpúsculo de Lentz.

Na avaliação das lâminas de esfregaço sanguíneo, visualizou-se a presença de corpúsculos de Lentz em neutrófilos (Figura 1) e eosinófilos (Figura 2) de quatro cães. Nos outros quatro animais não foram relatados inclusão do corpúsculo, o que não pode ser motivo para descartar a presença do vírus da cinomose no organismo destes cães.

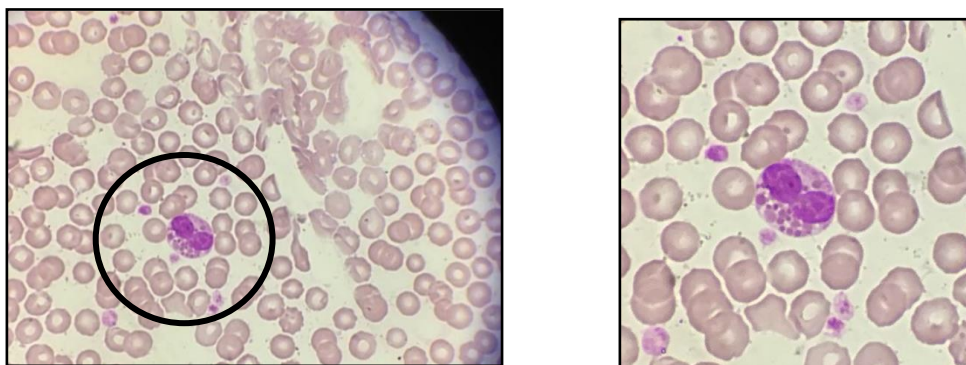


Figura 2: Eosinófilo com a presença do Corpúsculo de Lentz.

Conforme estudo de MONTEIRO& SANTOS (2008), não é correto excluir a possibilidade de infecção pelo vírus da cinomose em casos onde não são encontradas inclusões do corpúsculo de Lentz, pois são normalmente encontrados na etapa da viremia e dificilmente na fase crônica de infecções.

Após os resultados dos testes, realizou-se a vacinação nos animais negativos para o vírus da cinomose canina. Pode-se perceber na tabela 1, a comparação das análises do período de estudo. Observou-se o aumento de peso desses cães, da mesma forma que uma melhora na condição física.

Tabela1: Resumo dos dados relacionados ao gênero, porte, peso e resultados das avaliações dos caninos do abrigo municipal de Farroupilha-RS.

Dados do Cão			Peso / Kg		Análises		
Nome	Gênero	Porte	Abril	Junho	Sinais Clínicos	Hemograma	Lâminas
Prince	Macho	G	30,500	34,000	Conjuntiva alterada Perda de peso.	Neutrofilia.	Presença de corpúsculo.
Chorão	Macho	G	28,350	30,000	Perda de Peso.	Eosinofilia.	Presença de corpúsculo.
Julieta	Fêmea	G	30,000	32,000	Sem sinais clínicos.	Sem alteração.	Ausência de corpúsculo
Daniel	Macho	M	19,300	22,000	Conjuntiva alterada Perda de peso Falta de apetite.	Linfopenia e Monocitose.	Presença de corpúsculo.
Ruffus	Macho	M	18,500	18,500	Sem sinais clínicos.	Monocitose.	Ausência de corpúsculo.
Melita	Fêmea	M	21,300	22,500	Sem sinais clínicos.	Monocitose.	Presença de corpúsculo.
Di Roma	Macho	P	13,200	13,000	Sem sinais clínicos.	Neutropenia e Eosinofilia.	Ausência de corpúsculo.
Sequinho	Macho	P	13,000	12,200	Sem sinais clínicos.	Sem alteração.	Ausência de corpúsculo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que os sinais clínicos, observados por meio de uma avaliação de um médico veterinário, podem ser significativos no diagnóstico precoce da infecção pelo vírus da cinomose canina. Os animais avaliados neste estudo encontram-se ainda no abrigo municipal de Farroupilha. Os quatro cães com resultado negativo, receberam as duas doses necessárias da vacina, com intervalo de vinte e um dias entre as duas doses e estão em condições clínicas favoráveis. Os quatro cães de resultado positivo, estão recebendo suplementação vitamínica e alimentação adequada, apresentando redução significativa nos sinais clínicos da cinomose. Entende-se que o leucograma não pode ser utilizado como único instrumento de diagnóstico para a doença. Os sinais clínicos são essenciais juntamente com a anamnese e a visualização de inclusão dos corpúsculos de Lentz através de microscopia ótica.

A maioria dos cães em observação mostraram aumento de peso, indicando uma melhora na alimentação. De acordo com a coordenação do local, a ração utilizada foi

alterada, o percentual de proteína na anterior era de 18%, passando a oferecer aos animais uma ração com 22% de proteína. Tais dados sugerem que, com os cuidados necessários e um diagnóstico rápido e eficaz da infecção, é possível minimizar os danos e conferir uma boa qualidade de vida aos cães acometidos pela cinomose.

6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. G. **O hemograma no cão e contribuição para a sua caracterização no cão da serra da estrela, variedade de pelo comprido.** Lisboa, 2010.
- CURTI, M. C. & ARIAS, M. V. B & ZANUTTO, M. S. **Avaliação de um kit de imunoensaio cromatográfico para detecção do antígeno do vírus da cinomose em cães com sinais sistêmicos ou neurológicos da doença.** Revista Ciências Agrárias, Londrina, v. 33, n. 6, p. 2383-2390, 2012.
- CRUVINEL, W. M.; MESQUITA JR., D.; ARAÚJO, J. A. P.; CATELA, T. T. T.; SOUZA, A. W. S.; SILVA, N. P.; ANDRADE, L. E. C. **Sistema Imunitário – Parte I Fundamentos da imunidade inata com ênfase nos mecanismos moleculares e celulares da resposta inflamatória.** Revista Brasileira de Reumatologia, V. 50, n. 4, p. 434-461, 2010.
- LÚCIO, E.; PIMENTEL, J.; OLIVEIRA, J.; CLEMENTE, S.; MACHADO, A.; BRANDESPIM, D.; SILVA JÚNIOR, J.; PINHEIRO JÚNIOR, J. **Análise epidemiológica da infecção pelo vírus da cinomose, em cães do município de Garanhuns, Pernambuco, Brasil.** Revista Ciências Agrárias, v. 35, n. 3, p. 1323-1330, 2014.
- MONTEIRO, M. V. B. & SANTOS, M. P. **Avaliação clínica e hematológica de cães com cinomose em Belém, Pará.** Ciência Animal, 18, p. 41-44, 2008.
- MELLO, F.; AMARAL, G.; RODRIGUES, C.; PINTO, E.; LOT, R. **Aspectos clínicos patológicos da cinomose em cães.** Revista científica eletrônica de Medicina Veterinária. Ano VI, n. 10, 2008.
- NELSON, R. W. & COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.
- RAMOS, L. T. & LEITE, A. K. R. M. **Alterações clínicas e laboratoriais em um cão com anemia hemolítica imunomediada: Relato de caso.** Revista científica de Medicina Veterinária. Ano XIV, n. 28, 2017.
- SOUZA, R. A & BAIÃO, J.C. **Achados hematológicos em cães com cinomose em Bom Jesus/PI.** 2015.